**Como a percepção da consciência negra está inserida no ensino de base e na atuação da(o) psicóloga(o)?**

A psicóloga, Dra. Marilda Castelar, faz uma reflexão de como o assunto está sendo abordado do ensino básico ao superior.

CONTEÚDO HOMOLOGADO

O dia da Consciência Negra, designado como o dia 20 de novembro, ainda é um dia de luta e não é um dia para ser “comemorado”, embora seja fundamental positivar, no sentido de valorizar todas as contribuições históricas da população negra, valorizar as novas gerações afrodescendentes e discutir seriamente como andam as nossas relações étnico-raciais.



Compreendo esse dia como uma oportunidade para refletir sobre como as relações raciais e as consequências do racismo ainda representam pouca expressão na sociedade brasileira e isso é reflexo no ensino do tema nos cursos de saúde. As consequências do racismo exigem dos profissionais de diversos campos das ciências uma atenção especial no Brasil. Convivemos com manifestações explícitas e implícitas do racismo em nosso cotidiano, devido à disseminação da crença em uma “Democracia Racial” em nossa sociedade, crença que parte da premissa de que vivemos em harmonia e que todos, brancos e negros têm igualdade de oportunidades. Entretanto, basta olhar rapidamente para o **Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho Brasileiro** para perceber as desigualdades sociais.

Em um contexto mais amplo, é preciso valorizar e visibilizar as iniciativas sintonizadas com as conquistas do movimento negro, com seus reflexos na psicologia, mas também nos diversos campos da saúde no início do século XXI.  É preciso reconhecer, a partir da premissa de que o racismo e seus derivados são causadores de sofrimento psíquico, perceber que existem justificativas naturalizantes de injustiças sociais e, por isso, necessita de enfrentamentos em diferentes níveis.

*"Na educação, houve um frutífero debate sobre as cotas que se tornaram uma realidade no ensino superior em muitas universidades públicas do país."*

Na educação, houve um frutífero debate sobre as cotas que se tornaram uma realidade no ensino superior em muitas universidades públicas do país.  Surgiram, também, críticas contundentes à qualidade do ensino público e sobre a falta de discussão sobre cultura e história da África nos conteúdos curriculares.  Como resposta, houve investimentos no ensino médio e fundamental amparados na lei 10.639/2003 e, posteriormente, na lei 11.645/2008. No caso do ensino dos cursos superiores, o tema se tornou estratégico na formação de professores para o ensino médio e fundamental com a inclusão das discussões sobre direitos humanos e relações raciais. E quanto aos outros cursos do ensino superior? Não seria fundamental a inclusão do tema para o enfrentamento do racismo presente em nosso cotidiano, nas relações institucionais?  Pode-se observar que, nesse sentido, temos poucas iniciativas concretas e, por isso, esse ainda é um tema que parece interessar apenas àqueles que convivem com o racismo.

Algumas iniciativas pontuais ocorreram na psicologia, destacando-se, entre elas, as discussões geradas pela **Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP)**, que elegeu o ano de 2002 para refletir sobre a humilhação social e o sofrimento psíquico, frutos do racismo. Embora essa campanha tenha sido avaliada como tímida pelas psicólogas e militantes negras, o fato é que ela resultou em uma resolução sobre preconceito racial, em vigor desde 2002. Neste mesmo ano, foi publicado um número especial da revista Ciência e Profissão, dedicado às relações raciais. Portanto, pode-se afirmar que a psicologia não esteve totalmente à parte das repercussões nas conquistas do movimento negro.

No âmbito da psicologia já é possível perceber que “existe algum consenso que o problema do racismo e suas consequências não podem ser vistos enquanto um problema do negro e sim um problema de todos e todas. Entender como a psicologia tratou historicamente o conceito de raça no Brasil foi imprescindível para compreender os momentos de silêncio e falta de sensibilidade de alguns profissionais para perceber o racismo enquanto fator de promoção de humilhação e sofrimento psíquico. Pretendeu-se no trabalho desenvolvido em sala de aula oferecer uma sensibilização para busca de soluções coletivas e referências que possam subsidiar o entendimento e implicação do discurso psicológico emanado da atuação de profissionais de psicologia em nossa sociedade desigual, estratificada e ‘racializada’. Neste contexto torna-se importante explicar de onde surgiram estas preocupações com estes conteúdos. E qual a origem da presente experiência de ensino”.

*"Entretanto, para um profissional de psicologia conseguir perceber o sofrimento oriundo do racismo a partir da perspectiva daquele que sofre o preconceito, é preciso rever seu lugar e ter sido formado para possibilitar essa compreensão."*

Entretanto, para um profissional de psicologia conseguir perceber o sofrimento oriundo do racismo a partir da perspectiva daquele que sofre o preconceito, é preciso rever seu lugar e ter sido formado para possibilitar essa compreensão. Como deveria ser a atuação do psicológico frente a uma pessoa que é constantemente alvo de racismo?

Consideramos que a luta será longa e, por outro lado, as práticas psicológicas e suas contribuições ainda se mantêm bastante tímidas, apesar de já existirem algumas referências para a atuação com a produção de teses, dissertações, artigos, muitos profissionais já se demonstram sensibilizados e a discussão ter efetivamente se ampliado no âmbito da psicologia.

Fonte: iSaúde Bahia

<http://www.isaudebahia.com.br/noticias/detalhe/noticia/como-a-percepcao-da-consciencia-negra-esta-inserida-no-ensino-de-base-e-na-atuacao-dao-psic/>